

Por um padê na mata

GUILHERME CADAVAL*

MARCELO JOSÉ DERZI MORAES**

Resumo: Esse artigo é um encontro filosófico entre vozes e escrituras na mata. Desse encontro, surge um texto partido em sua unidade idêntica a si mesma, porém unido na multiplicidade de vozes que traz a primeiro plano. Pensadores da floresta, pensadores europeus, pensadores mestiços, caboclos, juremeiros, exus, todos falam e todos escutam, perguntando-se se será possível uma filosofia das matas, não uma que pense as matas, mas que saiba ouvir e responder ao seu chamado.

Palavras-chave: Exu; Padê; Espírito; Zaratustra; Mata.

For an *padê* in the woods

Abstract: This article is a philosophical meeting between voices and scriptures in the woods. From this meeting, emerges a text is broken in its self-identical unity, but united in the multiplicity of voices that it brings to the foreground. Woods thinkers, European thinkers, mestizo thinkers, caboclos, juremeiros, exus, everyone speaks and everyone listens, wondering if it is possible to have a philosophy of the woods, not one that thinks about the woods, but that knows how to listen and respond to her call.

Key words: Exu; Padê; Spirit; Zarathustra; Woods.



* GUILHERME CADAVAL é Doutor em Filosofia pelo PPGF/IFCS-UFRJ.



** MARCELO JOSÉ DERZI MORAES é Doutor em Filosofia, professor do Departamento de Educação da FFP/UERJ.

1. Assumindo o risco da escritura

Para dar início à nossa gira, começo pelo título, pois uma questão me assombra ao oferecer uma oferenda nas matas. Por um padê na mata ou Pôr um padê na mata? Decidi por um padê na mata. Ora, se me direciono ao outro, se o outro me escuta, - mesmo que esse outro seja o meu outro ou o outro que logo sou –, enfim, decidi por uma padê na mata, não sei como esse será recebido; na verdade, nem sei o que envie ao por uma padê na mata. O mais importante, não sei como a mata irá receber, se chegará até a mata. Mas que fique claro que sei que esse por é escritural, ele marca ao mesmo tempo o seu indecível registro fonético e nos obriga a pensar a escrita fonética em termos de escritura. O que eu quero dizer é que abandonei, risquei o acento circunflexo do por, deixei de lado, não irei mais carregar o compromisso de ter que decidir pelo verbo ou pela preposição, de ter que assumir uma responsabilidade de que um discurso é ausente de ação; de ter que designar uma situação, um modo, um estado, em relação a um ato de colocar, até mesmo de firmar um ponto; de estabelecer um pacto ou um contrato ao arriar e ainda assim estabelecer o lugar, o modo e a maneira ao situar. Em outras palavras, apaguei o chapeuzinho do vovô (com todo respeito aos meus mais velhos) para que por um padê na mata seja ao mesmo tempo verbo em que se coloca antes ou depois mesmo de arriar o padê, seja amanhã, ontem ou hoje, aqui, lá ou em qualquer outro lugar. Então, peço licença à mata para por um padê, para entrar em seus domínios.

2. Pode um filósofo pensar a mata?

Ele não recordava de ver na história da filosofia algum filósofo que tenha entrado nas matas, porém, cada vez mais a filosofia estava sendo obrigada a pensar uma filosofia das matas, de seus

moradores vivos e não-vivos, humanos e não-humanos. Nunca se perguntou, em filosofia, que filosofia é essa que pensa a natureza, que tem uma disciplina – filosofia da natureza – para pensar a natureza, mas que, no fundo, trata de uma natureza abstrata, uma invenção de natureza (isso não é um problema), sendo na realidade uma tentativa de mantê-la presa no edifício estrutural de uma metafísica do impedimento, aprisionando-a ao seu par binário, a cultura. Mas, quando recordou de Nietzsche, lembrou-se de Zaratustra, não conseguindo pensar uma mata, uma floresta, que não fosse em termos de uma *Schwarzwald* (floresta negra). Ele queria pensar a filosofia ou a filosofia a partir das florestas tropicais, a partir do sul do mundo, de Abya Yala, Pindorama, Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica, diversos outros biomas, diferentes entre si, mas todos com muita vida, com uma infinita vegetação e uma fauna riquíssima. A filosofia não pensou as nossas matas, disse ele (na verdade não pensou muitas coisas), e é com essas matas e com os encontros que elas possibilitam que ele irá pensar.

3. Um tropeço e um encontro

Não era de hoje que eu via aquele moço caminhar por estas matas de cá, mas era a primeira vez que o via se arriscar mais aqui pra cima. Andava com as mãos enlaçadas nas costas, e no bolso do paletó se aprumava volumoso um maço de folhas de papel, que de vez em quando puxava ligeiro pra rabiscar, como se tivessem acendido um fogo no seu rabo, sem parar de andar e imprudente na pisada. Não era raro que tropeçasse, mas logo se ria. Pois dessa vez calhou de tropeçar junto de mim, no pé da minha mangueira, e veio abaixo. Quando olhou para cima e me viu, tinha o olhar espantado, e só o ouvi sussurrar: Zaratustra. Fiquei parado um instantinho

bem quieto, examinando as feições do moço, e imaginando que tipo de engano era aquele que ele tinha me trazido. Fiquei achando na verdade que aquele nome parecia feitiço, e os feitiços muito me agradam: pois Zaratustra fiquei sendo. Além do que, pelas línguas truncadas que lhe saíam da boca, já avistei que o moço vinha de bastante longe, e seria muito penoso pedir que enxergasse Exu, mesmo que estivesse prostrado aos seus pés.

4. Mais de uma língua, menos que uma língua

Ele sempre soube da negação da natureza para além de uma ideia metafísica, limitando-a nesse modelo de pensamento, consistia em negar aqueles que fazem filosofia a partir das matas, negando os ensinamentos de juremeiros, caboclos, encantados, caciques, pajés, caçadores, boiadeiros, exus (sim, existem exus da mata, afirma ele), feiticeiros e feiticeiras, espíritos de ancestrais e de animais, espíritos do bem e espíritos do mal; mas, também, aqueles que estão para além do bem e do mal. O intuito dele era o de deslocar o cenário clássico da *pólis*, do filósofo da *ágora* ou da universidade, para que se pudesse ouvir uma filosofia vinda das matas, filosofias da natureza; para que se possa pensar outras epistemologias, outros saberes, na verdade, outros feitiços, refletia ele. Saberes vindos das margens do mundo (BITETI; MORAES, 2019). Mas, para que isso fosse possível, ele sabia que tinha que abrir mão de certos métodos e metodologias, de pensamentos limitados pela lógica binária e da não-contradição, de dicotomias que se excluem e se hierarquizam.

No encontro desse texto, ele não separou o corpo do pensamento, o corpo do espírito, o desejo da razão; pelo contrário, essas coisas inclusive se

confundiam. Essa compreensão é necessária para entender as relações que vão se dar, pois não se trata de invenção, de crença ou de mito, ele insiste. Esses elementos, clássicos na história da filosofia, sempre estiveram subordinados ao império do *logos*. O deslocamento que ele propôs, sem nenhuma pretensão racionalista, era o de lançar a filosofia sem bússola e sem mapa na floresta; para que, ao invés de se guiar pelo que está dado, ela pudesse, então, ser realmente pensada, ser oferecida, mas em que língua?

5. Um desvio, um destino

Perguntou-me o que eu fazia ali, se viera encontrá-lo. Disse-lhe que aquelas matas eram minha morada, e que era ele mesmo quem me devia as satisfações. Explicou que tinha se desviado do caminho, sem perceber, enquanto rabiscava alguma coisa nos seus papéis, e acabara entrando pela mata densa. Mas, agora que topara comigo, entendia que não tinha se desviado ao acaso e por simples engano, que estava exatamente onde devia estar, e que nosso encontro era o que estava buscando afinal. Achei o moço engraçado e, embora não falássemos as mesmas línguas, nos entendemos bem, pois me agradava sua companhia. Coloquei-o de pé, pus meu braço ao seu redor e o levei para caminhar.

6. Hegel estava errado

E quem fala senão a sua língua? Mas o que é a nossa língua? Não se deixando limitar pela língua, ele cria e aceita outras maneiras de entendimento, porque não será a violência da língua que irá impedi-lo de ter esse encontro. Porque todo encontro é o encontro de línguas, alguns casos violentos e cruéis, mas outros, transgressores, como nos ensina bell hooks (2013) e inventivos como nos mostra Lélia Gonzalez (2018). E, no que diz respeito às línguas indígenas, só no

Brasil existem mais de 200 línguas dos povos originários, mais de 500 só na América do Sul. Mas ele escuta muito bem, então ficava atento quando, com muita sabedoria, Daniel Munduruku dizia que *as palavras sempre trazem um sentido escondido dentro delas* (MUNDURUKU, 2010, p. 12). Mesmo quando se tem apenas uma língua materna e se está enraizado em seu local de nascimento e em sua língua, mesmo nesse caso, a língua não pertence. Com Derrida, ele entende que a língua

não se deixa apropriar, naquilo que toca a essência da língua. Ela é, a língua, aquilo mesmo que não se deixa possuir, mas que por isso mesmo provoca todo tipo de movimento de apropriação. Uma vez que ela se deixa desejar, mas não apropriar, ela põe em movimento toda sorte de gestos de possessão, de apropriação... o que tento sugerir é que, paradoxalmente, o mais idiomático, isto é, o mais próprio de uma língua, não se deixa apropriar (DERRIDA, 2001, p.85-86).

Então, foi nas encruzilhadas das florestas que ele arriara um padê para pensar uma ontologia das matas, a partir de encontros entre filosofias a partir do seu chão, de suas matas e das filosofias do outro lado do Atlântico (outras matas, às vezes não muito verdes). Desta maneira, nada como ver o encontro de Exu Mangueira e Zaratustra, como o encontro de duas filosofias que lhe fez pensar as mais diversas áreas da filosofia; mas, principalmente, pensar modos de ser, modos de vida para além daqueles regidos pelos valores estabelecidos e dominantes, que são fundidos, forjados na religião cristã, no direito burguês, no capitalismo e no modo de ser europeu. Buscando nas intimidades e nos encontros de outros filósofos, ele encontrou em Sobonfu Somé (2003) e Helena Theodoro (1996), a paz para

continuar trilhando até o momento de por um padê e fazer sua filosofia das matas, uma vez que encontrou a chave para esse momento diante das encruzilhadas: o espírito da intimidade. A partir desse momento, ele começou a escutar o espírito da mata, os espíritos dos seus ancestrais, os espíritos dos animais, da terra e da água. Ele aprendeu, então, que Hegel estava errado, os povos do sul também possuem espíritos, não só um, mas muitos espíritos.

7. Riquezas de um lunático

Enquanto andávamos devagarinho por sobre as folhas, disse-lhe que aquela mata toda que ele enxergava tinha sido carregada cá para cima por mãos muito humanas. A mata que havia antes, eu a vi ser queimada e derrubada quase inteira, e a vi morrer. Isso tudo porque uns sujeitos lá debaixo acharam que era para isso que ela tinha sido colocada aqui, para ser apossada, e transformada nisto que, sempre com aquele brilho lunático nos olhos, eles não se cansavam de chamar de riqueza. Tinham uma certeza de morte de que a mata era seu usufruto de direito. E, quando ela parou de lhes dar o que de beber, continuaram sem escutar o que ela lhes dizia, e resolveram mandar cá pra cima um punhado de acorrentados, carregando mudas e mais mudas de árvores. A mim não perguntaram nada, e acabou que plantaram muita coisa errada, fora do lugar...

8. Um feitiço... e eis a gira macumbística!

O encontro desses dois filósofos o conduziu a pensar como é possível uma filosofia do feitiço, por mais que tenhamos a filosofia como uma forma de fazer feitiçaria. O diálogo e o que se produziu desse encontro foi a tentativa de criar ou pensar a partir de uma outra língua, uma língua, um idioma que não

seja puro, que seja contaminado, e que essa contaminação seja sua força, sua potência, para que ele pense para além daquilo que lhe é dado. Quando ele pensa em outra língua, outro idioma, é nos termos de o que fazer com essa língua que lhe constitui, o que fazer com as heranças que herdou, que lhe ensinou a caminhar na mata sem deixar rastros evidentes, mas produzindo códigos para aqueles que falam a mesma língua, que sentem os mesmos cheiros, que escutam os mesmos sons.

Não é o caso de uma filosofia limitada a um grupo, pensa ele, mas uma filosofia que ensine a pensar a partir de outros passos, de passos lentos, de caminhar escutando, sentindo, tocando. Uma filosofia das matas é aquela que se encontra com os seres que vivem na floresta, que se contamina com o canto do pássaro, e que, desta forma, cria uma nova língua, uma nova escritura e outras escutas. Ele está falando de escrituras das matas, está pensando nos códigos e os diálogos se dão em cada árvore, em cada fruto no chão, cada folha seca ou molhada. Fazer filosofia ou feitiço a partir das matas é, para ele, considerar uma temporalidade do caçador que fica por horas imóvel, esperando, aguardando a caça. Portanto, ele quer pensar, a partir desse padê arriado, a partir de uma ontologia das matas, uma filosofia enquanto feitiço, enquanto uma outra escritura, uma outra língua que não a língua hegemônica, que abra para interpretações que deslocam a violência da interpretação dominante. Rafael Haddock-Lobo, por exemplo, explicou o que surge desses encontros quando fala de algumas das religiões afro-brasileira:

a macumba brasileira, o único nome possível para esse pensamento de encontros e encruzilhadas, nasce desse povo das matas que, agora, além de caçadores, curandeiros e agricultores, passam, nas tribos e

nos quilombos, a contar com a presença de sacis, sereias-índias, botos. E a cada figura que se soma a esse panteão infinito como as trilhas nas matas, uma pedrinha a mais é lançada nesse lajedo, potencializando ainda mais nossas possibilidades filosóficas (HADDOCK-LOBO, 2020).

Foi aí, então, que depois de escutar o filósofo da gira macumbística, que ele, olhando para a mata, se tocou que seu Deus não estava morto, mas que Deus está em todos os lugares, de muitas maneiras, que não possui apenas um Deus, mas muitos Deuses.

9. O humano é sempre demasiado humano

Eu nunca entendi porque eles acreditam tanto que a riqueza da mata está em derrubá-la e transformá-la em outra coisa, botar pra crescer todo aquele grão preto, quando antes já crescia aqui todo tipo de grão que um camarada pudesse imaginar. Parece que acham que a riqueza está na morte e no assassinio, em juntar tudo que está morto numa pilha assim bem grande, e que não para de crescer. Eles lançam todas as flechas de uma vez, para todos os lados, e matam tudo, para quê?, quando se sabe desde sempre que só é preciso uma flecha e a boa mira. Olham tudo de cabeça para baixo, com o olho invertido. Será que não enxergam que a riqueza é a própria mata? Pode ser que ninguém os tenha ensinado...

Aliás, foi bem o contrário. Um dia ainda vou descobrir quem foi que lhes ensinou que um sujeito que acaba de chegar já pode ir logo dividindo a terra, se apossando dela aos pedaços, toda retalhadinha, os territórios, como eles chamam, e ali fazer o que bem entender, mandar e desmandar. Por que nunca pensaram em escutar a mata, escutar as pedras que aqui habitam, que estão aqui

há muito mais tempo do que eles, e têm sempre muito a ensinar? Nunca vi um deles conversar com as árvores, pra saber o que elas acham de serem derrubadas. Acham que com a mata não têm nada a aprender, que cada coisa miúda que vive por aqui é ignorante. Acontece que eles chegam aqui em cima carregados com o que aprenderam lá embaixo, quando enxergavam a mata na distância e se entretinham de pensar o tanto de coisa que daqui podiam arrancar. São todos corpos demasiado humanos, fechados para qualquer tipo de encanto.

10. Muito barulho

E quando ele diz humanos demasiado humanos, é no sentido mais triste do que é o humano, não é sem motivo que o povo bantu não aceita a tradução do ubuntu para humanismo, porque a ideia de humano para eles está para além dessa ideia ocidental, que se limita a um ser que é a medida de todas as coisas. Além, é claro, um sujeito que determina o que é ou não humano. Estar com o Outro é perceber a interdependência que nos constitui como seres humanos, por isso ele concorda com Kashindi, que

se deve estar consciente da força vital que possibilita a nossa permanência na vida. Como vimos, esse “Outro” não é apenas os seres humanos, mas também outros seres animados e inanimados. Tanto os seres humanos quanto os outros seres não humanos têm a força ou estão com ela. A interação entre seres humanos e outros seres ou entidades cósmicas é primordialmente para gerar, cuidar e transmitir a vida (KASHINDI, 2017, p. 19).

Ele sabe que o homem europeu não sabe escutar, a condicionalidade e a preocupação em falar o impedem de escutar. *Il faut* escutar bem. Não dá para aprender se não se souber escutar. O narcisismo do homem branco, o seu

desespero em dizer quem é, em falar e se recusar a escutar, não permitindo que o tempo lhe diga quem ele é, é um dos fatores para destruir a natureza, destruir o diferente. Mas essas heranças nos perseguem, nunca fomos tão cartesianos, diz ele. Eu penso, eu existo, eu sou, eu consumo, eu aquilo, eu assado: o tempo do eu. A egoidolatria nos impede de escutar, portanto, de aprender. Ele entende que não há lição possível, então, escuta Davi Kopenawa que diz que

há muito barulho e gente por toda parte. O espírito se torna obscuro e emaranhado, não se pode mais pensar direito. É por isso que o pensamento dos brancos está cheio de vertigem e eles não compreendem nossas palavras. O pensamento desses brancos está obstruído, é por isso que eles maltratam a terra, desbravando-a por toda a parte, e a cavam até debaixo de suas casas. Eles não pensam que ela vai acabar por desmoronar (...) As terras dos brancos estão contaminadas, estão cobertas de uma fumaça-epidemia xawara que se estendeu muito alto no peito do céu (KOPENAWA, 1999, p. 20-21).

Encantado com as palavras de Kopenawa, ele se sensibiliza quando o grande mestre das matas mostra sua angústia ao dizer que: *hoje os povos indígenas estão preocupados e revoltados porque o homem branco destrói a natureza e as terras indígenas sem conversar com ninguém* (KOPENAWA, 2011).

11. Vivo pra morrer mais um pouquinho

Às vezes, fico aqui pensando que tudo o que fazem com a mata, fazem por raiva. Se tropeçam na raiz de uma árvore qualquer, e caem com o rabo no chão, não fazem como o senhor e riem, mas querem logo derrubar a árvore inteira, e mais algumas, por vingança. Estes

homens não sabem cair. Cair é uma vergonha e uma ofensa. Agora eu me pergunto: que tipo de homem toma ofensa em levar uma rasteira de vez em quando? Esse homem não entendeu foi nada. Eu enxergo tudo de forma muito diversa. Zaratustra é um encantado, disse com troça, mas notei que o moço logo se maravilhou. Zaratustra é o encantado da floresta. Aquele que leva no peito o ensinamento da mata, que diz que ela é de todos, e não é de ninguém. Abre caminhos sem nunca ter empunhado um facão, conversa com as pedras sem dizer uma palavra. Zaratustra é aquele que nunca cai, e quando um dia ele cai, cai bem. Zaratustra e a floresta são uma coisa só. Olho para frente, olho para trás, sei que tudo o que vivo e vivi é sagrado, e às vezes me pego até pensando que na verdade nem vivo, que é tudo mais que me atravessa e vive em mim, cada folha e cada fonte, e até cada tombo. Não tenho caminho para caminhar, todo caminho é o meu caminho, e onde estou, estou em casa. Não tenho voz, o que fala em mim, vem de outros tempos e outros lugares, e eu nunca vou saber onde essas palavras vão alcançar. Sou a cobra coral rastejante, sou o tucano de voo rasante.

Quando vi que o moço parecia abalado e começara a derramar muitas lágrimas, tomei-lhe outra vez pelo braço e nos pusemos outra vez a caminhar. Disse que logo ali mais em cima ficava uma queda d'água, e embaixo dela um poço, que tomando para mim a língua dos mais antigos dessa terra, eu chamava de *Tuyuca*, pois tinha o fundo turvo. Era sempre que eu subia por ali para me banhar, e tanto mais quanto mais calor sentia. Tirei minha pouca roupa do corpo, e me joguei de uma vez na água fresca. O moço olhou por um instante, depois sumiu, e quando fui ver, tinha subido numa pedra alta e se sentara, muito pensativo. Eu afundei na água para brincar com os peixes, e fui até o fundo

saudar a mãe das águas doces. Pra mim, mergulhar era voltar a ser criança, ir-me embora de mim e participar outra vez das suas estripulias. Dentro d'água eu era inteiro. Quando finalmente saí, o sol já começava a baixar, e a mata ia ficando escura. As cigarras cantavam. O moço continuava sentado na pedra, olhando e olhando, como se não se entendesse. Logo subi ali em cima e me coloquei de pé do seu lado. Disse em voz alta, não sei bem se para o moço, quem sabe para ninguém, que aquela mata tinha um poder muito forte, de desencaminhar para junto dela qualquer um que viesse perambulando lá debaixo com o coração partido, e nela se metesse. Eu passava meus dias buscando ficar mais junto do sentido miúdo daquela terra. Às vezes, eu pensava que era árvore; às vezes, pensava que era bicho. Às vezes, pensava que era água, outras não era nada, sussurro do tempo. Mas sempre ia deixando cada vez mais pra trás o dia de ter sido homem. Na verdade, ser homem era uma lembrança dolorida, dessas que queima um cadinho nas bochechas e que a gente sai trepando nas árvores pra esquecer, que nem os macacos. Para mim, ser homem não tem sentido algum. Fico olhando aqui de cima para eles, aqui de longe, os vejo sempre muito ocupados, todos eles, trabalhando para tramar o próprio fim. Os homens sempre parecem que estão muito ocupados em tramar o próprio fim, sem o saber, porque tudo o que tocam, transformam neles mesmos, esticam o que seja ser homem para todas as coisas, grudam as coisas nos homens, ou os homens nas coisas, até que não sobra nada, só carvão. Um dia ainda vou descobrir quem foi que lhes ensinou a viver assim.

Agora já estava escuro, e chegava a minha hora. Tinha que ir povoar a minha solidão. O moço logo percebeu minha inquietação, e se levantou. Fomos caminhando de volta em silêncio, e

quando chegamos perto da minha mangueira, estanquei. Não tenho muitos amigos, afora as plantas e os animais, disse-lhe. Os poucos que aqui sobem, vêm apenas para fazer o mal, e deles me mantenho a distância. Hoje, sinto que posso dizer que o senhor é meu amigo. E como em toda amizade, chega a hora de nos separarmos. Agora, o senhor vai voltar lá para baixo, para onde tem a sua morada. Eu vou lhe dar um presente. Estiquei as mãos bem para cima, peguei uma folha e uma manga verde, e botei-lhe nas mãos. O senhor está indo embora, mas agora carrega a mata dentro de si. Está indo embora, mas agora carrega um pequeno caos e uma miúda esperança dentro de si. Quem sabe o senhor tenha mais chances que eu, de ensinar alguma coisa aos homens. Esta tarefa agora é a sua, vai ser um mensageiro.

Quando o moço baixou os olhos para olhar os presentes que lhe dei, eu ligeiro dei um passo para o lado e fui me esconder atrás da mangueira. Nunca me agradaram as despedidas, nem as últimas palavras. Além do que, se ficasse mais, corria o risco de o moço começar a chorar outra vez. Espiei-o se espantar que eu tivesse sumido. Ficou um instantinho parado ali, depois voltou as costas e foi descendo. Trepei no galho alto da mangueira, e também eu parei um instantinho, entretido em observâncias, gozando de ter morrido mais um pouquinho naquele moço.

12. Desinventar a solidão

O que ele aprendeu com esses encontros? Ora, não é uma questão de lição, no sentido moral, mas saber que essa lição, lição da mata, o leva a pensar, a refletir, mostrar outros caminhos. Não tem como ele negar o quanto desse encontro pode-se pensar a ética, o tempo, o ser e a vida, além da morte e do fim. Essa lição da mata a partir de um encontro nas encruzilhadas desloca a centralidade dos

discursos clássicos, não apenas em termos de pensamento e discurso, mas de territorialidade, isso o deixa sem chão, mas, ao mesmo tempo, deixa-o dançando, promovendo uma coreografia, uma dança na mata, uma dança da lua. Promovendo um deslocamento dos valores, ele colocou em xeque os discursos acerca das riquezas, mas, também, do que é certo ou errado. A lição da mata, aprendeu ele, é um combate ao epistemicídio, além, é claro, uma denúncia contra as mais variadas formas de violências cometidas aos povos originários de diversas sociedades, uma vez que, disse Davi Kopenawa, *queremos que a floresta permaneça silenciosa, que o céu continue claro, que a escuridão da noite caia realmente e que se possa ver as estrelas* (KOPENAWA, 1999, p. 21). Ele registrou o ensinamento mais supremo, que é acerca da vida, o valor da vida, não só humana, como outras formas de vida.

Esse encontro o levou a entender que não está sozinho. O romântico e, também, etnocêntrico conto de Robson Crusoé, lembrou ele, só esqueceu de dar valor ou reconhecer que havia vida antes e depois de naufragar em uma suposta ilha deserta do Atlântico. Se havia solidão na ilha, ora, foi quando nela chegou (ou se perdeu) o homem branco europeu com sua nostalgia identitária de dizer quem é e quem é ou não é o outro, de dizer o que é cultura e o que é natureza. A lição da mata no encontro de um filósofo europeu com um filósofo das matas o deixou como rastros na floresta a seguinte lição: existe aprendizado nas matas, nas árvores, nas folhas, nos rios, nas cachoeiras, nos sons, no silêncio e em diversos outros lugares. Por essa razão, ele guardou os ensinamentos de outro mestre da floresta, Ailton Krenak:

Cantar, dançar e viver a experiência magia de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado (KRENAK, 2019, p. 15).

Referências

Feitiços e mandingas:

BITETI, Mariane de Oliveira; MORAES, Marcelo J. D. Vidas e Saberes Periféricos como Potências Transgressoras. In. *Tlalli Revista de Geografia*. No prelo. 2019.

CADAVAL, Guilherme. *Escrever a mágoa: um cruzamento entre Nietzsche e Derrida*. Jundiá: Paco Editorial, 2019.

DERRIDA, Jacques. *O Monolinguismo do Outro*. Tradução: Fernanda Bernardo. Porto: Editora Campos das Letras, 2001(d).

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora africana: Editora filhos da África, 2018.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Fantasma da colônia*. Rio de Janeiro: Editora Ape'Ku, 2020

KASHINDI, Jean-Bosco. *Ubuntu como ética africana humanista e inclusiva*. Tradução: Henrique Denis Lucas. Cadernos IHUS Ideias, ano: 15 – N° 254 – Vol. 15, 2017.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In. NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi. Descobrimos os brancos. In. NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

MORAES, Marcelo José Derzi. *Democracias Espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. *Coisas de índio*. São Paulo: Callis Ed. 2010.

_____. *Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade*. In. Revista IHU On-Line n° 340, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da intimidade*. São Paulo: Odisseus, 2003.

THEODORO, Helena. *O mito e espiritualidade. Mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

Recebido em 2020-05-25
Publicado em 2021-03-01